

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 19

Data: 13 de setembro de 1980

Pg.: _____

É preciso salvar o índio

Sr. W.K.S., acabo de ler a sua carta dirigida a mim e publicada neste grande jornal em 8/8/80.

Lamento muito ter atingido a sua sensibilidade de intransigente defensor do nosso índio, digamos melhor, da cultura do nosso índio. Eu entendo muito bem o seu ponto de vista que, aliás, quanto à cultura e aos costumes indígenas, concordo plenamente, no entanto, o que procuro sugerir é que se faça algo para que sejam tomadas as providências no sentido de salvar o índio da completa extinção física pois é isto, a passos largos, e que está acontecendo.

A sua carta, meu amigo W.K.S., faz pensar que todo o ser humano civilizado é um marginal, é podre, é malicioso etc. etc, e que somente esses males poderiam ser ensinados aos índios pelos brancos. Pois é muito pessimismo de sua parte, meu irmão. E também pensar que o índio não precisa mudar a maneira de viver e deve-se deixá-lo como está é comparável ao abandono da criança que, em face de um mundo hostil e desconhecendo a noção do bem e do mal e não sendo preparada para lutar e vencer, geralmente, crescendo, toma o caminho da marginalidade ou da mendicância.

E quanto à pergunta: quem ensina a quem, há um ditado do povo que diz: Quando entras entre as galhas terá de galhar como elas.

Meu caro irmão, eu acho que você não tem entendido bem a exposição da minha carta de 28/8/80; você, meu amigo, está com os olhos fixos somente num aspecto do problema que é a cultura dos índios, cultura que foi moldada, durante séculos, pelas condições existentes na selva, a qual está com os seus dias contados. E assim, meu amigo, com os olhos fixos somente num ponto, não percebe, não vê os incontáveis problemas envolvendo a existência dos silvícolas.

Meu irmão, você ainda não se deu conta do que realmente está acontecendo nas áreas habitadas pelos índios e não se deu conta do que está para acontecer nos muito próximos anos. O habitat dos índios está sendo destruído. A selva, que é a verdadeira protetora dos silvícolas, está desaparecendo. A caça está sendo afugentada. E as castanheiras estão caindo e trazendo riqueza para o homem branco e fome para o índio, fome que apagará o riso na boca do "indiozinho pé-de-chinelo".

Tudo o que neste momento está acontecendo na Amazônia afeta direta ou indiretamente o índio na sua taba. A Amazônia deixou descender-lhe a sua cortina, a cortina do "Inferno Verde", e as suas entranhas, agora, estão todas à mostra, não há mais nem mistério nem a impenetrabilidade. A invasão acentua-se, intensifica-se as descobertas de minérios e principalmente de ouro, e, mesmo ocorrendo nos locais bem distantes das reservas, atingem as malocas, e, a desmatagem constitui um verdadeiro tiro de misericórdia para o silvícola. As verdes ilhas que ainda estão sobrando ou que vão sobrar no meio da terra calcinada pelo fogo e pisada pelo boi, ilhas às quais se dá o nome de reservas indígenas, esses "santuários", resistirão por quanto tempo? Por quanto tempo ficarão guardando, como os raros tesouros, os remanescentes das outrora numerosas tribos?

Os garimpeiros, castanheiros, borracheiros, posseiros e fazendeiros, sem falar ainda em madeireiros, já estão fazendo pressão sobre as áreas em questão, já há conflitos sangrentos onde um índio morre atingido pela bala de um peão a serviço do fazendeiro e, em revida, os índios arrebentam à borduna os crânios dos desarmados colonos. Conflitos esses onde o "civilizado" é punido e o índio, sendo tratado como um menor e, portanto, irres-

ponsável, então é inocentado. Enquanto isso, os responsáveis pelas reservas andam fazendo tudo o que está ao alcance dos mesmos para amenizar essa situação e evitar os conflitos, dando terra e tirando terra de uns e outros. E nessa confusão toda procura-se dar proteção ao silvícola, separando-o dos "civilizados" e encerrando-o em reserva, uma espécie de campo de concentração, onde permanecerá "protegido". Até quando? Mesmo que se construa em volta de toda a reserva uma espécie de "muro de Berlim", ou se estendesse em volta da mesma o arame farpado, com as suas torres de vigia... não daria certo, não. E os conflitos crescerão na mesma proporção do crescimento das atividades do "civilizado", ainda mais que as leis de uns e outros são conflitantes.

A "aculturação" do índio começou já há muito tempo; nas malocas encontram-se os rádios de pilha e a televisão; se ainda não está aí presente, não vai demorar muito a ser assistida, transmitindo o "bang-bang" nas malocas, incentivando o índio à violência. As novidades da tecnologia estão invadindo todos os recantos da terra. A civilização (deturpada ou não) é como o vento, é incontida, queiram ou não, vai avançando, penetrando as matas, as malocas e todos os recantos da terra, semeando o bem e o mal e assim os índios, queiram ou não, também são atingidos, mesmo a despeito da "proteção" e, não sendo preparados, tomarão o rumo da... mendicância.

Resumindo esta minha exposição, vou dizer-lhe, meu amigo W.K.S., com toda a franqueza, que a era dos índios já pertence ao passado. Ainda há cinquenta anos havia a possibilidade de os silvícolas viverem na Amazônia à moda encontrada pelo Álvaro Cabral, mas hoje já é impossível, repetido, é impossível. Deixamos de ser ingênuos ou deixamos de mentir para nós mesmos. É fácil de prever o epílogo. O índio, faltando-lhe a caça, o que faltamente acontecerá, procurará invadir as fazendas ou as casas de colonos (as quais estão ali pertinho das malocas), o que resultará em conflitos sangrentos. Por outro lado, a fome apertando, o índio perambulará pelas rodovias, vendendo os seus arcos, flechas e alguma coisa do seu artesanato...

Ainda falando sobre a caça, preciso recordar que, mesmo no passado, os índios mudavam-se constantemente de uma região para outra, procurando ali a caça mais abundante e aqui deixando para que a mesma se recuperasse. Isto, claro, requeria o domínio de vastas áreas de matas e terrenos que hoje estão ocupados pelos fazendeiros.

E então, meu amigo WKS, que fazer? Deixar o índio à sua própria sorte ou administrar-lhe todos os conhecimentos necessários do branco para que possa lutar e viver como o homem branco?

O problema do índio é sério demais para tratarmos o mesmo com sentimentalismos. O índio (na voz geral), com a sua ingenuidade e inocência, é comparável à criança e por esta razão eu escrevo, sugerindo que se procurasse tomar conta dos silvícolas principalmente da geração nova e põ-los no caminho da integração, para que aprendam a viver nas condições do nosso mundo atual, que façam o serviço militar, que aprendam a trabalhar e a defender a sua terra como todo o cidadão desta bendita terra.

A natureza deu ao homem a capacidade de se adaptar em qualquer latitude, em qualquer ambiente, em qualquer clima e, assim, o silvícola pode adaptar-se à nova vida, claro, deve ser assistido pelas pessoas responsáveis e cultas. João Nowacki, Capital.